**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – TODOS os SANTOS - 01-novembro)*

**FELIZES – E «FIÉIS» – PARA SEMPRE!**

Também *“no matrimónio”,* mas muito mais!

Todo o ser humano – todos nós – temos sede, ânsia profunda, necessidade… de Felicidade Eterna. Isso mesmo, “eterna”; e com nada de menos nos contentamos! Mas, para sermos coerentes, temos de proclamar aqui, mais uma vez este “silogismo”: Se a única Felicidade que nos satisfaz é *a eterna*, o nosso *Compromisso,* para a atingir, deve ser também ilimitado, definitivo, isto é, sem limites nem «data de caducidade». Infelizmente, esta é a lógica e *a coerência* que – nestes tempos que são os nossos – falta a tantíssima gente!…

 Está bem claro, na *Palavra* de Deus de hoje, que a *satisfação,* a *bem-aventurança,* a *felicidade*… que se promete e espera, não tem limite algum, e é mais maravilhosa até do que nós poderíamos imaginar já que não pode *“caber na mente nem no coração humano”* (em expressão, repetida, de S. Paulo /1 Cor 2, 9; 2 Cor 12, 4). A *Palavra* desta Eucaristia é abundante em expressões deste género: *“Bem-aventurados, porque… deles é o reino dos Céus… possuirão a terra… serão saciados…* *alcançarão misericórdia… verão a Deus… serão chamados filhos de Deus… Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa”. (Mt 5 / 3ª L.).* Por sua vez, no Livro do Apocalipse, contempla-se, em visão futura, os que já conseguiram atingir essa Eterna Felicidade: *“…Vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas… que estavam diante do trono, na presença do Cordeiro”... (Ap 7 / 1ª L.).*

 Cada um é livre de imaginar esta felicidade futura como melhor lhe aprouver, embora sempre será uma “representação antropomórfica”, e estará muito longe da realidade, como Paulo nos advertia, numa das citações que acabamos de apontar, pois os nossos sentidos não estão ainda capacitados para isso (*“nem olho viu… nem ouvido ouviu…”*). Ainda que agora – como diz outro apóstolo, João – *“sejamos já filhos de* *Deus, mas ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos, porém, que, na altura em que se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porque O veremos tal como Ele é”... (1 Jo 3 / 2ª L.).* Basta-nos, portanto, sabermos que iremos certamente sofrer ou suportar uma *transformação*, para sermos verdadeiramente *“semelhantes a Deus ao contemplá-lo tal como Ele é”.* Deste modo, aqueles que *já fomos* *criados semelhantes a Deus* (“à Sua imagem e semelhança”), após um tempo de prova e de luta, em que esta “imagem” ficou desfigurada, deturpada ou destruída, acabará – por obra e graça da Redenção de Cristo Jesus, com a nossa colaboração – por atingir finalmente aquela Verdadeira Imagem, “sonhada” pelo Criador e Pai nosso.

 Ficou claro, portanto, que a Felicidade, que anelamos e esperamos, não deve acabar, deve ser Eterna. Outra coisa diferente não teria sentido, para a nossa exigência vital, “instintiva”. É a tal sede de eternidade, que só será saciada com *“a Água Viva, que jorra, dentro de nós, até à Vida eterna”(Jo 4)*.

 Voltemos então ao nosso compromisso essencial – esse pacto e obrigação – que vai fazer possível a tal realidade de nos sentirmos *plenamente Felizes*. Isto, claro, se não formos *completamente incoerentes*.

 Adiantávamos, inicialmente, que esse compromisso deveria ser – também por coerência – do mesmo “género e número” que a felicidade, ou seja, “completo, ilimitado, definitivo”. Os que pretendem pôr limites a esses compromissos, quando dizem, por exemplo, *«agora é assim, depois… logo se verá»,* ou então, *«eu vou ser fiel enquanto o prazer durar»*… esses – *«ipso facto»* – estão a pôr limite e a destruir a sua Felicidade.

 Quando a Palavra de Deus fala em *fidelidade ao compromisso vital,* também não marca limite nem pressupõe “caducidade” de qualquer género (*“Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida” / Ap 2*). E *a Palavra* de hoje vai na mesma linha de *fidelidade,* ao atribuir a recompensa aos “fiéis”, quando escreve, no mesmo livro do Apocalipse: *“…Esses são os que vieram da grande tribulação, os que lavaram as túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro”. (Ap 7 / 1ª L.).* De igual modo que na 1 Carta de João, onde se supõe uma *fidelidade* sem termo: *“Todo aquele que tem n’Ele esta esperança purifica-se a si mesmo, para ser puro, como Ele é puro”. (1 Jo 3 / 2ª L.).* Ninguém fala aqui em *tempos limitados* ou em *espaços circunscritos*!... (Quem é que «põe portas ao vento»?).

Sabemos, Senhor, que esta multidão inumerável

– de todos os Santos e Santas do Céu –

pertencem à geração dos que Te procuram,

que procuram sempre a Tua face, ó Deus,

na fidelidade de cada dia e de todos os dias…

E nós queremos ser fiéis, e “santos”, como eles;

continuar a sermos dos que *põem a mão no arado*

*y nunca voltam a sua vista para trás,*

para sermos dignos do Reino dos Céus…

Porque só os que são fiéis e perseverantes

poderão subir à Tua montanha, Senhor,

e habitar no Teu Santuário Eterno:

esses mesmos que têm as mãos inocentes

e levam sempre o coração puro, incontaminado…

Não assim aqueles outros, que agora dizem *sim*,

mas logo dirão *não* porque lhes convém.

Esses, Senhor, que usam o Teu nome em vão

quando mentem ou fazem troça e sarcasmo

da Tua inefável ebondosa *fidelidade*

com as suas *infidelidades* à palavra dada…

esses não podem subir ao Teu Santuário,

edificado no monte da verdadeira Felicidade…

Nós, porém, ó Deus e Pai nosso,

porque nos sentimos abençoados por Ti,

esperamos a recompensa eterna dos Santos…

Seremos Fiéis ao Amor, para sermos Felizes!

*[ do Salmo Responsorial / Sl 23(24) ]*